XXI FAC-FEA LIVRE
Semana Acadêmica Cultural e XVII Encontro de iniciação Científica da FAC-FEA

O ERÓTICO E O NARCISISMO: problematizações sobre os vínculos na contemporaneidade

Kaira Fernanda SANTOS
Faculdade Fundação Educacional de Araçatuba (FAC-FEA)e-mail: kairafernandasantos@gmail.com

Felipe Mio deCARVALHO
Faculdade Fundação Educacional de Araçatuba (FAC-FEA)e-mail: fmiocarvalho@hotmail.com

EIXO: Ciências Humanas, Sociais e da Saúde

RESUMO

A crescente inserção das tecnologias digitais no cotidiano tem transformado profundamente as formas de interação social, afetando a criação, a manutenção e a estabilidade dos vínculos afetivos, o que suscita importantes questões para a Psicologia. Na contemporaneidade, observa-se que a lógica de conectividade ilimitada, mediada pelas redes sociais, redefine as experiências do erótico, do amor e do desejo. Este artigo teve como objetivo problematizar os vínculos e o erótico no contexto atual, destacando sua fragilidade e superficialidade diante da lógica de gratificação instantânea proporcionada pelas mídias digitais. Tais plataformas tornam-se palco performativo, em que o sujeito expõe versões idealizadas de si em busca de validação externa, processo que tende a se sobrepor à construção gradual de vínculos reais.Para sustentar essa discussão, foi realizada uma revisão de literatura de abordagem qualitativa, fundamentada em autores como Sigmund Freud, Jacques Lacan, Zygmunt Bauman,Byung-Chul Han, Maria Rita Kehl. O diálogo entre esses referenciais indica que, em uma realidade marcada pela efemeridade e pelo excesso de estímulos, o sujeito contemporâneo torna-se cada vez mais dependente de seu imaginário narcísico e performático. Nesse cenário, a gratificação imediata oferecida pelas redes sociais incrementa o investimento no eu idealizado, mas, quando não alcançada, desencadeia sentimentos de falta e frustração, produzindo colapsos subjetivos.Conclui-se que, embora as redes sociais ampliem o contato e a comunicação, também instauram processos de enfraquecimento dos vínculos, esvaziamento afetivo e fragilidade subjetiva. O erótico, nesse contexto, é reduzido a uma lógica de consumo, em que o desejo se transforma em mercadoria e as relações reais são substituídas por validações superficiais. A contribuição deste artigo é fomentar o debate sobre os impactos psicológicos, sobretudo na identidade das mídias digitais e sua função como substituto das relações profundas e consistentes.

Palavras-chave: erótico; vínculo; redes sociais; narcisismo.

1 INTRODUÇÃO

O impacto das redes sociais na subjetividade é uma questão central para a Psicologia, visto que a tecnologia media o cotidiano atualmente. Os assuntos abrem leque para entendimento dos impactos no âmbito neurológico, no desenvolvimento, na construção crítica. O presente artigo, por sua vez, busca apresentar os impactos e problematizações a

respeito da construção subjetiva do sujeito e como isso também alterou a maneira de criar e sustentar vínculos. Para isso, será inicialmente problematizado o erótico, cujo é o tema central deste artigo.

Para aprofundar a reflexão, Freud, em Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade, apresenta uma expansão do conceito de sexualidade, extrapolando o sentido médico-biológico e se aproximando do *Eros* platônico (Freud, 2016, p. 17). Bataille (1987), em O Erotismo, o conceito é apresentado como como uma experiência de transgressão e excessos, sendo no erótico onde o sujeito busca uma experiência com o outro em sua totalidade. É compreendido, então, com a contribuição dos autores, que o erótico se torna o impulso que sustenta a procura e estabelecimento de vínculos. Lacan (1999) apresenta o desejo como uma defasagem entre necessidade e demanda, que se torna marcado pela incompletude e insatisfação. O erótico é, então a busca por vínculos e experiência totais, mas atravessada pela incompletude do desejo, portanto compreende-se que a falta impulsiona o movimento erótico (Bataille, 1987; Freud, 2016; Lacan, 1999).

Esse contexto levanta questões sobre como o erótico está sendo vivenciado com as mediações midiáticas. Debord (1967), em Sociedade do Espetáculo, argumenta que o espetáculo, agora, é uma relação social entre pessoa, mediatizada por imagens. O olhar do Outro, antes perpassado por vínculos concretos, hoje é sustentado por anonimato e quantidade. Complementado pela lógica de Baudrillard (1995), o consumo segue a lógica do desejo, da incompletude. O erótico torna-se um elemento simbólico, consumível e midiático, afastando o sujeito da sua realidade. Bauman (2003) sustenta que os vínculos se tornam líquidos e o desejo gira em torno de uma validação externa e imediata, o que não é distinto para Han (2012), pois, essa validação, torna o sujeito objeto-propaganda, e o seu valor é mediado pela visibilidade.

Neste ponto, a lógica contemporânea da exposição se prolonga à alienação. O eu, formado a partir de uma imagem externa, descrito por Lacan em *Estádio do Espelho*, torna-se uma mercadoria também. Nesse processo, a autoexposição é incessante, pois o corpo e a identidade são transformados em objetos visíveis, e a legitimidade do sujeito depende de um valor expositivo de uma identidade irreal (Han, 2017; Lacan. 1949).

Maria Rita Kehl (2009) faz uma interpretação desse movimento utilizando a interpretação lacaniana. Segundo ela, as referências coletivas tradicionais perderam a força devido ao movimento de aceleração tecnológica, fazendo com que as bases simbólicas se fragilizem. Ao citar o filósofo alemão Walter Benjamin, Kehl (2009) observa que a

melancolia, anteriormente definida por Freud como perda não plenamente consciente do objeto, passa a ser associado ao sentimento de inutilidade. O sujeito melancólico, já enfraquecido de simbolismo e tentando suprir a **inutilidade**, se rende às normas dos *vencedores*, se recua do próprio desejo e sua verdade, e passa então a performar. Porém, a tentativa de se mostrar atraente segundo normas externas o impede de realizar seu verdadeiro gozo.O sujeito passa, então, a nunca gozar plenamente, nunca alcança o ideal desejado, não experencia erótico em sua totalidade, provocando uma sensação de falha e angústia, emergindo um esvaziamento de si e, consequentemente, a depressão (Kehl, 2009).

Diante desse panorama, o artigo propõe problematizações e intersecções entre erotismo, desejo e a subjetividade mediada por tecnologias digitais. Ao explorar essas dimensões, o intuito é fomentar uma discussão sobre a maneira e o motivo de exposição exacerbada, junto aos impactos decorrentes do esvaziamento de si.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Objetivo

Problematizar a reconfiguração dos vínculos afetivos, do erótico, narcisismo e depressão no contexto contemporâneo, analisando como a lógica da performance nas mídias digitais contribui para a fragilidade subjetiva e esvaziamento das relações. Para tanto, o estudo propõe revisitar conceitos como erótico/erotismo e desejo, articulando-os à crítica social sobre a sociedade do espetáculo e a sociedade expositiva, afim de discutir as consequências psíquicas dessas dinâmicas.

2.2 Material e métodos

A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório, analítico e bibliográfico. O *corpus* do estudo é constituído por discussões sobre erótico/erotismo, performance, narcisismo e depressão, sendo respaldados por livros acadêmicos sobre os mesmos assuntos.

3 DESENVOLVIMENTO

Em **Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade**, Freud já prenunciava, no prefácio da quarta edição em 1920, uma expansão do conceito de sexualidade. Ele propunha ir além do âmbito médico-biológico, aproximando-o do Eros platônico (Freud, 2016, p. 17). Em sua

teoria, Eros representa o conjunto de impulsos de vida, incluindo o impulso sexual, agindo como um princípio de conexão e preservação psíquica. A sexualidade, nesse contexto, transcende os órgãos genitais, manifestando-se através de excitações que surgem na infância e proporcionam prazer, diferente de uma necessidade fisiológica básica (Freud, 2016). Em consonância com Eros, o impulso sexual se revela na busca por satisfação. Assim, o movimento erótico, seja em zonas erógenas ou na sublimação, pode ser entendido como uma força criativa de vínculos, tanto no corpo quanto no campo simbólico.

Nesse cenário, é válido que também surja a contribuição de Georges Bataille (1987). Em seu livro, *O erotismo*, o autor apresenta o erotismo com uma experiência de transgressão e excessos, também extrapolando a limitação do entendimento de que o erotismo se trata única e exclusivamente de um contexto de relação sexual. Bataille aponta que, é no erotismo, que o sujeito ultrapassa barreiras impostas socialmente, como cultura, moral e tabus. A vivência é no seu sentido radical, rompendo limites de trocas vivendo na intensidade da vida e da morte. O erotismo, portanto, é para além da funcionalidade biológica, uma ruptura, suspensão de ordem e uma busca por experiência em totalidade (Baitalle, 1987).

Melanie Klein, em **Inveja e Gratidão e Outros Trabalhos**, demonstra que o bebê vivencia o objeto como bom (satisfação) ou mau (frustração), indicando que a demanda excede a satisfação biológica imediata, carregando consigo uma dimensão simbólica (Klein, 1985). Essa dimensão prepara o terreno para o conceito de desejo de Lacan (1999) em **O Seminário 5: as formações do inconsciente**. Para ele, o desejo nasce da defasagem entre necessidade e demanda, estabelecendo-se na relação com a cadeia significante, ou seja, com a linguagem que estrutura o inconsciente. Essa representação nunca é plena, de modo que o desejo é marcado pela insatisfação e incompletude, pois a satisfação transcende o simples atendimento da demanda vital, buscando o significado daquela ação, que não se concretiza (Lacan, 1999, p. 71-72).

Portanto, em Freud e Bataille, o erotismo surge como um movimento pulsional em busca da criação de laços e a vivência da experiência em sua totalidade.Em Lacan, o desejo não se define pela conexão, mas sim pela falta desta no campo do Outro. A articulação entre ambos nos permite entender o erótico como a busca por vínculos (*Eros*), sempre atravessada pela incompletude (Desejo). A falta impulsiona o movimento erótico (Bataille, 1987; Freud, 2016; Lacan, 1999).

Jacques Lacan, em **O Seminário 6 – O Desejo e sua Interpretação, afirma que** "[...] é o desejo que o sujeito tem por reencontrar, que é este desejo do Outro, nosso desejo, este

desejo que está presente somente no que o sujeito supõe que demandamos" (1998, p. 517). Embora essa citação se refira à uma discussão sobre o desejo do analisando e o desejo do analista, ela ilustra como o desejo do sujeito se entrelaça ao desejo do Outro, insinuando que ele se constitui na expressão em relação com o Outro, performando a suposta demanda alheia. Assim, é na dinâmica do movimento do erótico e o desejo incompleto, a falta, que é possível compreender a busca de reconhecimento no olhar do Outro, revelando a performance visível como meio para sustentar simbolicamente a relação erótica (Lacan, 2016).

Na perspectiva psicanalítica, o erótico e o desejo se sustentam no olhar do Outro e a performance se torna um dispositivo de reconhecimento e visibilidade alheia. No cenário contemporâneo, as mídias amplificam e intensificam esse movimento, funcionando como palco performático, e o erótico transformado em um espetáculo que pode ser atraído por diversos olhares anônimos quantificáveis, que não apenas desejam, mas também passam a validar a performance do sujeito. Assim, o erótico em Freud e o desejo em Lacan, circulam como mercadoria simbólica no campo das imagens e performance social contemporânea (Debord, 1967; Freud, 2016; Lacan 2016).

Em **A Sociedade do Espetáculo**, o autor Guy Debord (1967, p. 14), aponta que "o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens". Assim, a descrição psicanalítica de busca erótica no olhar do Outro, é transportada para a contemporaneidade no espaço midiático. O olhar não é mais diretivo a um Outro concreto, mas sim ao Outro anônimo e quantificável. Seguindo a crítica de Baudrillard, o signo e o simbólico, no campo do consumo, deixa de responder a uma função ou necessidade, seguindo apenas uma lógica de desejo. "O consumo [...] transformou-se na moral do mundo contemporâneo" (Baudrillard, 1995, p. 12). O erótico torna-se, assim, um elemento simbólico consumível e replicável onde, na sociedade de consumo, tal signo é valorizado mais pela representação da lógica de desejo, do que pela experiencia direta, deixando evidente o afastamento do sujeito com a própria realidade.

Nesse raciocínio, o erótico sendo transformado em um capital simbólico e representativo *a priori*, ainda sustentado pela lógica psicanalítica do olhar do Outro, o sujeito no contexto contemporâneo parte da autoexposição incessante como forma de legitimação de si, já que o Outro quantitativo torna-se mais satisfatório que um reconhecimento concreto. Como sustenta Byung-Chul Han (2012):

> Na sociedade expositiva cada sujeito é seu próprio objeto-propaganda; tudo se mensura em seu valor expositivo [...] O excesso de exposição transforma tudo em mercadoria que está à mercê da corrosão imediata, sem qualquer mistério [...] (Han, 2012, p. 22**).**

Han complementa que:

> Na sociedade positiva, na qual as coisas, agora transformadas em mercadorias, têm de ser expostas para ser, seu valor cultual desaparece em favor de seu valor expositivo. Em vista desse valor expositivo, sua existência perde totalmente a importância. Pois, tudo o que repousa em si mesmo, que se demora em si mesmo passou a não ter mais valor, só adquirindo algum valor se for visto. A coação por exposição, que coloca tudo à mercê da visibilidade, faz desaparecer a aura enquanto 'manifestação de uma distância' (Han, 2012, p. 20).

Bauman (2003) observa que, na sociedade contemporânea, os vínculos e o Eros tornaram-se líquidos: o amor e a sexualidade se sustentam em efeitos imediatos de satisfação, sem a exigência de contato direto ou investimento contínuo para a construção de relações profundas. Assim, o erótico e o desejo circulam como uma performance constante, estabelecendo padrões de consumo, reconhecimento e satisfação nos quais a falsa completude do desejo parece depender exclusivamente da validação externa.

Partindo de uma perspectiva estruturante, Lacan, em **O Estádio do Espelho** (1949), descreve o processo que desenvolve a relação imaginária com o semelhante. De forma resumida, o Estádio do Espelho ocorre entre os seis e dezoito meses de vida da criança, período em que ela passa a reconhecer algo que lhe é externo. Ao se deparar com sua imagem refletida no espelho, a criança identifica-se com essa imagem, experimentando a sensação de totalidade — embora essa totalidade seja externa a ela. É nesse processo que se constitui o eu, um eu formado a partir de fora, já alienado numa imagem. Assim, o eu torna-se sempre uma identidade mediada pelo outro, marcada pela ilusão de completude, nascendo dependente e preso a algo fora de si (Lacan, 1949). Aponta que:

> [...] a forma total do corpo, pela qual o sujeito antecede em uma miragem a maturação de sua potência, não lhe é dada senão como *Gestalt*, quer dizer, em uma exterioridade onde certamente essa forma é mais constituinte do que constituída. Mas, sobretudo, em uma exterioridade onde ela lhe aparece num relevo de estatura que a imobiliza e sob uma simetria que a inverte, em oposição à turbulência de movimentos com os quais ele tenta animá-la. Assim, esta *Gestalt*, cuja pregnância deve ser considerada como ligada à espécie, mesmo dois aspectos de sua aparição, a permanência mental do [eu], ao mesmo tempo que prefigura sua destinação alienante. Ela é cheia de correspondências que unem o [eu] à estátua onde o homem projeta-se como aos fantasmas que o dominam, ao autômato, enfim, que, em uma relação ambígua, tende a aperfeiçoar o mundo de sua fabricação (Lacan, 1949, p. 2).

Essa condição alienante prolonga-se na contemporaneidade, especialmente quando se considera a lógica proposta por Byung-Chul Han em **Sociedade da Transparência**. Para Han (2017), a **coação expositiva** transforma o corpo e a identidade em objetos visíveis, otimizáveis e mercantilizados. Assim, aquilo que Lacan identifica como um eu alienado a uma imagem externa, em Han transforma-se também em mercadoria de si mesmo. O sujeito, ao deixar de habitar sua interioridade, é impelido a exibir-se, acreditando que esse reflexo exposto é o que verdadeiramente é. Nesse processo, o eu vendido como imagem reforça uma identidade irreal, mas consumível pelo outro (Lacan, 1949; Han, 2017).

> A coação expositiva leva à alienação do próprio corpo, coisicado e transformado em objeto expositivo, que deve ser otimizado. Já não é possível morar nele, sendo necessário, então, expô-lo e, assim, explorá-lo. Exposição é exploração, e seu imperativo aniquila o próprio morar. Quando o próprio mundo se transforma em espaço de exposição, já não é possível o habitar, que cede lugar à propaganda, com o objetivo de incrementar o capital da atenção do público (Han, 2017, p. 97).

Nesse contexto, a contínua exposição de si e a busca por aprovação externa reforçam um narcisismo exacerbado. O conceito de narcisismo, delineado por Freud em *Introdução ao Narcisismo*, refere-se a um estágio crucial do desenvolvimento psíquico, no qual o Eu se forma a partir da relação com o outro. Nessa fase inicial, os pais constituem a primeira figura de amor. O sujeito é colocado no centro das atenções, detentor dos olhares de afeto — **sua majestade, o bebê** —, atribuindo a si mesmo o ideal de perfeição e experimentando sensação de onipotência. Contudo, essa fase é transitória. Ao perceber que a atenção do outro não está mais exclusivamente direcionada a si, surge a frustração: o sujeito percebe que não pode sustentar o ideal de perfeição, gerando a chamada **ferida narcísica** (Freud, 2017).

O complexo de Édipo refere-se à constituição do sujeito como castrado, ao perceber que seus desejos não podem ser totalmente satisfeitos no mundo externo. Diante dessa falta fundamental, o sujeito lida com a frustração de sua incompletude. Em 1914, Freud aponta que o narcisismo inicial é substituído pelo ideal do Eu, no qual o sujeito, convivendo com a falta, desloca seu investimento pulsional para objetos do mundo externo (Freud, 2017). Em uma sociedade mediada por telas e mídias sociais, esse cenário favorece uma busca narcísica, centrada na visibilidade de si pelos olhos do Outro.

Freud, em **Luto e Melancolia** (1917), distingue esses conceitos: o luto é um processo de perda de um objeto, simbolizada e gradualmente superada; na melancolia, a perda não é plenamente consciente, levando o sujeito a uma identificação negativa. Maria Rita Kehl

(2009) acompanha o deslocamento da melancolia do campo social, como propõe Freud, para um âmbito íntimo, no qual, na contemporaneidade, ela se manifesta como depressão.

Kehl (2009) conecta essa interpretação à perspectiva lacaniana. Ao migrar do social para o individual, a melancolia evidencia a modernidade: as referências coletivas tradicionais perdem força, e o sujeito, antes integrado a uma cultura comunitária, enfrenta o enfraquecimento de suas bases simbólicas, fomentados pela evolução tecnológica.

Walter Benjamin, segundo Kehl, observa que o capitalismo promove uma melancolia associada ao sentimento de inutilidade. O sujeito melancólico identifica-se com as normas dominantes — os vencedores — e recua diante de seu próprio desejo. Lacan define o desejo como força marcada pela falta, que sustenta o sujeito e afirma sua singularidade. Ao aderir ao triunfo do Outro, o sujeito traí sua própria verdade e criatividade, sentindo que suas ações carecem de valor e que não há espaço para agir de forma singular. Sua expressão torna-se uma adaptação às normas dominantes (Kehl, 2009).

Nesse cenário de fragilização simbólica, os vínculos passam a ser mediados por telas, não mais pela comunidade. O desejo e a falta tornam-se percebidos como mal-estar. Para conquistar o olhar do Outro e criar laços simbólicos, o sujeito se vende, buscando valor e compensando o vazio. No contexto midiático e capitalista, essa dinâmica gera exigência de prazer e performance: a tentativa de se mostrar atraente segundo normas externas impede a realização do verdadeiro gozo (Kehl, 2009).

Kehl (2009) aprofunda essa análise com o Supereu. Em Freud, ele funciona como censura interna; em Lacan, representa proibição e necessidade de gozo. Esse Supereu ambivalente carrega culpa dual: se se permite gozar, sente culpa pela transgressão; se não goza, culpa por não corresponder ao ideal de felicidade. A cultura do espetáculo obriga o sujeito ao prazer constante: sempre saudável, belo, bem-sucedido, e a valorização da imagem depende da exposição do gozo (Kehl, 2009).

Desse modo, o sujeito nunca goza plenamente e nunca alcança o ideal desejado. Essa interiorização provoca sensação de falha, culpa e angústia, gerando esvaziamento de si mesmo. A depressão emerge como consequência inevitável diante da exigência impossível de gozo que a sociedade contemporânea impõe (Kehl, 2009).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo problematizar a fragilidade dos vínculos e do erotismo na contemporaneidade, tendo como fio condutor a lógica da exposição e do espetáculo, considerando as gratificações imediatas pelas midiáticas sociais. A análise, pautada nos pilares conceituais de Freud e Lacan, junto a críticas sociais de Han, Bauman e Debord, permitiu constatar que o cenário atual se intensifica na busca narcísica do sujeito, fomentando um esforço contínuo de performance e visibilidade.

Em uma sociedade onde o corpo e a identidade são transformados em objeto para propagando de um falso prazer, o eu se mantém alienado à imagem externo, como descrito no **Estádio do Espelho** em Lacan. O erótico, aqui tratado como um conceito transgressor de uma definição sexual, é reduzido a um capital simbólico consumível, onde o desejo no erotismo é transformado em mercadoria e a busca por satisfação é delegada à anônimos quantificáveis. Essa dinâmica, além de reforçar um narcisismo exacerbado, leva a colapsos subjetivos pelo inalcançável ideal.

A exigência de um gozo pleno e impossível, importa pela cultura do espetáculo, aliada ao enfraquecimento das referências simbólicas, gera um sentimento de falha e angústia, que se manifesta clinicamente como uma depressão, um esvaziamento de si, como apontado por Maria Rita Kehl. Conclui-se que, apesar de as redes sociais ampliares a comunicação, elas também instauram um processo de enfraquecimento dos laços, esvaziamento afetivo e fragilidade subjetiva. A principal contribuição deste artigo é fomentar o debate sobre os impactos psicológicos dessa lógica, reafirmando a necessidade de resgate das relações comunitárias, profundas e consistentes, face a superficialidade imposta pelas mídias digitais.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1987.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. (Obra original de 1967).

FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FREUD, Sigmund. **Luto e melancolia**. Tradução de Marilene Carone. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. (Obra original de 1917).

FREUD, Sigmund. O complexo de Édipo. In: FREUD, Sigmund. **A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923-1924)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FREUD, Sigmund. **O ego e o id, e outros trabalhos (1923-1925)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2012.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade da transparência**. Petrópolis: Vozes, 2017.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.

KLEIN, Melanie. **Inveja e gratidão, e outros trabalhos (1946-1963)**. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 5**: As formações do inconsciente (1957-1958). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 6**: o desejo e sua interpretação (1958-1959). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.